COFEM



Ficha técnica 3:

Como utilizar a tecnologia para promover o descanso, a resistência e a alegria

Pontos principais



A alegria é uma forma de organização e de resistência feminista.



Os espaços online que construímos são escolhas políticas. Os espaços feministas no ambiente digital podem acolher, simultaneamente, a celebração e o luto, ao mesmo tempo que rejeitam a cultura da produtividade, que trata o cuidado como uma distração.



Quando as organizações de direitos das mulheres (WROs) controlam suas próprias narrativas — por meio de podcasts, vídeos, zines e produções artísticas —, resistem à relação extrativista entre a mídia tradicional e a Maioria Global. Contar histórias para e pelas próprias comunidades, em consonância com suas tradições linguísticas e culturais, é um ato de retomada.



A supressão algorítmica exige soluções coletivas. À medida que as empresas de tecnologia suprimem sistematicamente conteúdos feministas e queer, organizações feministas respondem por meio do engajamento comunitário e da documentação coordenada desses casos de supressão.



A produção de evidências feministas é um ato de amor. A coleta, o mapeamento e a visualização de dados conduzidos pelas próprias comunidades são atos de resistência e de preservação da memória, que reafirmam o valor e o legado das vidas das mulheres.

Introdução: A alegria como estratégia

A introdução e as duas primeiras fichas técnicas do Pocketbook Feminista Bytes de Resistência apresentaram um panorama das evidências sobre a violência baseada em gênero facilitada pela tecnologia (TFGBV), exploraram formas práticas de proteger ativistas feministas contra a TFGBV por meio de práticas de higiene digital e destacaram as conexões entre a TFGBV contra mulheres na vida pública e política e o retrocesso democrático. Enquanto os textos anteriores da série abordaram danos, políticas públicas e segurança, esta ficha técnica propõe ressignificar a tecnologia como uma ferramenta para promover a alegria, a cura e o fortalecimento das comunidades, reconhecendo-os como formas legítimas de solidariedade e resistência feminista. Embora a TFGBV represente uma grave ameaça que exige ações articuladas em múltiplos níveis e entre diferentes atores, também reconhecemos que o foco predominante nos impactos negativos da tecnologia pode obscurecer as inúmeras maneiras pelas quais feministas utilizam ferramentas digitais para fortalecer comunidades, resistir e enfrentar a desinformação e criar espaços para o riso, o movimento e a amizade.

Tricia Hersey, fundadora do Nap Ministry, lembra-nos de que o descanso como forma de resistência "desestabiliza e desafia o capitalismo e a supremacia branca". Escolher "descansar, sonhar, resistir e imaginar" e adotar os princípios do Nap Ministry significa "acolher a poderosa proposta de prosperar agora mesmo. Deixar de esperar permissão de uma cultura tóxica que bloqueia a justiça e opera a partir de uma profunda pobreza espiritual".[1]

O que significaria para sua organização medir o sucesso para além do alcance, das conquistas em políticas públicas ou da prestação de serviços, considerando também a quantidade de alegria e de conexões genuínas que seu trabalho é capaz de promover? Em meio à rolagem automática das redes sociais, às reuniões de trabalho e ao fluxo incessante de notícias sobre guerras, deslocamentos forçados, destruição ambiental e autoritarismo, ativistas feministas têm o poder de reorientar o uso da tecnologia para além de seus impactos violentos e extrativistas, explorando todo o seu potencial transformador.

A seguir, apresentamos diferentes formas pelas quais feministas vêm inovando seu trabalho em diversas ferramentas e plataformas digitais. Começamos pelos espaços online que estamos construindo, passamos pelas formas como contamos histórias sobre esses espaços e dentro deles e, por fim, apresentamos estratégias para proteger e afirmar nossa visibilidade. Cada seção inclui uma pequena caixa de ferramentas, priorizando serviços gratuitos ou de baixo custo que podem apoiar o trabalho de ativistas feministas. Esperamos que as organizações de direitos das mulheres (WROs) possam utilizar esta ficha técnica para criar espaço para o descanso, a conexão e a imaginação em seu trabalho de libertação das mulheres e das pessoas com diversidade de gênero da violência online.



[1] Hersey, Tricia. *Rest is resistance: A manifesto*. Hachette UK, 2022. 82

Cultivando espaços online de solidariedade, descanso, alegria e resistência

Qual é a diferença entre uma plataforma digital e um espaço online? As plataformas digitais são infraestruturas pertencentes a empresas, enquanto os espaços são constituídos pelas relações construídas e compartilhadas entre uma ou mais comunidades. Os espaços feministas no ambiente digital são definidos pelos valores, pelas práticas de cuidado e pela acessibilidade que escolhem incorporar.

Algumas estratégias para construir espaços significativos incluem:

Integrar cuidado, luto e acolhimento

Como mencionado anteriormente, o descanso é uma prática política. Reservar intencionalmente um momento para preparar o espaço — por meio de atividades como ioga, práticas somáticas ou mesmo um reconhecimento coletivo do ambiente em que estamos — pode ajudar a estabelecer o tom do encontro. Para ativistas que trabalham para eliminar a violência contra as mulheres e meninas (EVAWG), isso também significa criar espaço para o luto e a memória[2], incluindo a lembrança de datas marcantes ou de casos recentes de violência. Em todas as sessões de Aprendizagem e Diálogo da COFEM, uma facilitadora especializada em autocuidado e cuidado coletivo conduz a abertura e o encerramento com práticas de cuidado nas quais as participantes podem escolher se envolver. A COFEM também promove, trimestralmente, encontros dedicados ao cuidado coletivo, que incluem atividades como exercícios de mindfulness, pilates, dança e práticas artísticas voltadas ao fortalecimento da criatividade.

Planejamento assíncrono

Tentar contemplar todas as necessidades da comunidade em uma única reunião virtual não é realista. Formas de participação de baixa exigência favorecem um engajamento mais sustentável ao longo do tempo. Por exemplo, a iniciativa We are Feminist Leaders, que promove reflexões sobre poder no ambiente de trabalho e fortalece capacidades para a liderança feminista, criou o Good Trouble Collective (GTC). O GTC oferece sessões especializadas sobre liderança feminista, recursos voltados ao cuidado coletivo e perguntas semanais no Signal para estimular respostas e discussões coletivas. As participantes podem contribuir utilizando o formato que preferirem.

Moderação proativa

A qualidade da moderação pode determinar o sucesso ou o fracasso de um espaço feminista. Estabelecer políticas claras e mecanismos transparentes de denúncia e de responsabilização, por meio de acordos comunitários (como conjuntos explícitos de valores que orientam o funcionamento do espaço), contribui para que os encontros favoreçam conversas abertas, reflexivas e seguras, tanto em situações de concordância quanto de divergência. A moderação feminista busca valorizar as contribuições das participantes, conduz cuidadosamente as questões relacionadas à participação e mantém compromisso com os valores compartilhados. Para ativistas que atuam no enfrentamento da violência contra as mulheres (VAW), uma moderação informada pelo trauma pode ser especialmente importante para reduzir o risco de revitimização e lidar adequadamente com o trauma vicário.

Apoio mútuo

Diante do atual cenário de financiamento, espaços de solidariedade feminista podem organizar redes de apoio mútuo, tanto entre indivíduos quanto entre organizações. Integrantes da comunidade podem solicitar e oferecer apoio material, bem como solidariedade emocional, política e técnica além das fronteiras, por exemplo, oferecendo apoio em pesquisa em troca de serviços de elaboração de propostas de financiamento.

Encontros centrados na alegria

A alegria nos ajuda a construir a confiança relacional necessária para sustentar nosso trabalho de organização ao longo do tempo. Espaços feministas devem ser concebidos para promover o riso, a ludicidade e a celebração. Considere incluir regularmente momentos de conexão informal, como noites de jogos virtuais, atividades criativas, criação coletiva de playlists musicais ou sessões coletivas para assistir a filmes e apresentações (quando as condições de conexão permitirem).

[2] Blair, Kristine, Radhika Gajjala, and Christine Tulley, eds. Webbing cyberfeminist practice: Communities, pedagogies, and social action. Hampton Press (NJ), 2009.

Para milhões de mulheres e pessoas com diversidade de gênero — especialmente jovens, comunidades queer e aquelas que vivem em contextos em que os espaços presenciais são escassos ou inseguros —, as plataformas digitais constituem, elas próprias, espaços de alegria, de construção de identidade e de solidariedade feminista e queer:

Jogos digitais

Mulheres feministas, pessoas criadoras de conteúdo e streamers estão construindo audiências e comunidades centradas na alegria, no humor e na solidariedade, ao mesmo tempo que desafiam ativamente as normas hostis predominantes na cultura dos jogos digitais. Organizações como a AnyKey promovem a diversidade e a inclusão em comunidades de jogos em todo o mundo.

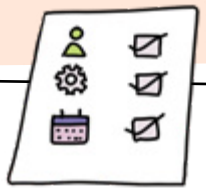
Aplicativos de relacionamento e intimidade digital

Os espaços digitais podem ser importantes ambientes para a construção de vínculos afetivos, especialmente para pessoas que vivem em países onde ser queer é criminalizado ou fortemente estigmatizado. Aplicativos como o Her podem oferecer oportunidades para relacionamentos, amizades e a construção de famílias escolhidas entre mulheres queer e pessoas com diversidade de gênero.

Moda e beleza

As comunidades dedicadas à moda e à beleza tornaram-se importantes espaços para que mulheres negras, indígenas e da Maioria Global celebrem estéticas que desafiam os padrões de beleza ocidentais. Criadoras de conteúdo utilizam as redes sociais para valorizar e resgatar tradições de beleza, evidenciando as dimensões políticas relacionadas ao cabelo, ao vestuário e às formas de apresentação pessoal.

Optar por ir além das exigências de um ecossistema capitalista que demanda produtividade constante pode ser desconfortável, especialmente quando fomos levadas a associar nosso valor ao que produzimos. Construir espaços onde o descanso, o luto e a celebração coexistam é uma prática política que nos desloca da lógica de atender às prioridades de financiadores para priorizar nossos próprios desejos de conexão, curiosidade e prazer.



Ética e gestão de riscos

Os valores feministas devem orientar todas as etapas da criação, produção e conclusão de iniciativas de mídia digital. Elaborar avaliações de risco para os conteúdos produzidos pode ser uma importante ferramenta de responsabilização, oferecendo uma lista de verificação sobre implicações relacionadas à segurança, como a exposição de rostos, localizações e outras características que possam identificar as pessoas retratadas nos diferentes conteúdos digitais. Ferramentas como o ObscuraCam permitem desfocar rostos diretamente no smartphone antes que as imagens sejam compartilhadas. O Global Fund for Women disponibiliza publicamente as "Diretrizes para Narrativas Éticas" (Ethical Storytelling Guidelines), que podem servir de referência para orientar esse trabalho.

Reivindicando o poder narrativo por meio da narrativa multimídia

Controlar a própria narrativa é um ato de alegria e de proteção; representa a diferença entre ser tratada como sujeito ou como objeto.Durante séculos, acadêmicos, meios de comunicação internacionais, governos e organizações de desenvolvimento estudaram, apropriaram-se, exploraram e mercantilizaram as histórias e as produções culturais de mulheres e pessoas com diversidade de gênero, especialmente da Maioria Global.[3] Em nosso trabalho para eliminar a violência contra as mulheres e meninas (EVAWG), temos observado como prazos curtos de projetos e exigências de financiadores transformam as histórias de sobreviventes em instrumentos para captação de recursos ou em matrizes lógicas de projetos, reduzindo seres humanos complexos e multidimensionais a indicadores estáticos e passivos. As ferramentas digitais, quando orientadas por uma ética do cuidado, podem oferecer um caminho para romper com essa lógica extrativista, garantindo que as protagonistas dessas histórias tenham autonomia sobre a forma como elas são contadas — desde quem segura a câmera até a escolha do idioma que melhor expressa suas emoções e experiências.

Se as organizações de direitos das mulheres (WROs) controlam suas próprias narrativas — em vez de deixá-las nas mãos da mídia tradicional, dos departamentos de comunicação de financiadores ou dos algoritmos das grandes empresas de tecnologia —, podem definir o que constitui resistência, dano e sucesso. As narrativas dominantes sobre a Maioria Global costumam oscilar entre dois extremos: a vítima sofredora ou a heroína excepcional. Essa dicotomia não deixa espaço para a complexidade cotidiana da vida — o coletivo, o ordinário, a alegria, os saberes ancestrais e aquilo que permanece em aberto. A alegria, o humor e o absurdo também são poderosas estratégias narrativas; contar histórias que fazem as pessoas rir, celebram os pequenos, porém significativos, momentos do cotidiano ou expressam desejo e prazer é tão politicamente relevante quanto narrar experiências de violência. Quando feministas contam histórias em seus próprios termos, as comunidades podem ser, ao mesmo tempo, protagonistas e destinatárias dessas narrativas: histórias feitas pelas pessoas e para as pessoas.



Uma avaliação do Fundo Fiduciário das Nações Unidas (UNTF), baseada nas lições aprendidas com organizações da sociedade civil financiadas pelo UNTF sobre a construção do poder feminista, define o poder narrativo como "o trabalho de moldar e influenciar narrativas sociais, atitudes e normas sociais e culturais em apoio à eliminação da violência contra as mulheres e meninas (EVAWG) e a causas interseccionais de justiça de gênero e justiça social, aumentando os níveis de compreensão e de atenção do público a essas questões".[4]

[3] de Sousa Santos, Boaventura, and Maria Meneses, eds. *Knowledges born in the struggle*: *Constructing the epistemologies of the Global South*. Routledge, 2019.
[4] Lehrer, J. 2023. "Building Power in Feminist and Women's Movements to End Violence against Women and Girls: Learning from Civil Society Organizations Funded by the United Nations Trust Fund to End Violence against

Quais são algumas ferramentas para fortalecer o poder narrativo?

Áudio

Os podcasts tornaram-se um poderoso formato de narrativa por serem acessíveis, de baixo custo e estabelecerem uma conexão mais pessoal com o público. As vozes transmitem perspectivas que nem sempre são captadas pelo texto, especialmente em contextos marcados por ricas tradições orais, nos quais a narrativa oral constitui um importante meio de transmissão de conhecimentos e ensinamentos entre gerações. A produção de podcasts feministas deve considerar tanto a qualidade da produção quanto a estratégia de disseminação. Além do compartilhamento em plataformas como Signal e WhatsApp, os podcasts podem ser distribuídos offline por meio de Bluetooth, dispositivos USB e sessões comunitárias de escuta, que criam espaços coletivos para aprendizagem e diálogo. Ferramentas de transcrição também tornam o conteúdo em áudio mais acessível para pessoas com deficiência auditiva e para contextos com baixa disponibilidade de banda de internet.

Vídeo

Existem diversas ferramentas que permitem produzir vídeos com orçamentos reduzidos. Os vídeos de curta duração ampliaram significativamente o acesso à informação: um vídeo de 60 segundos pode alcançar um público maior do que um relatório de 20 páginas. Assim como os podcasts, as imagens e os sons agregam elementos à narrativa que tornam as histórias mais humanas e próximas do público. Os vídeos também podem servir como memória institucional e como arquivo do trabalho desenvolvido pela organização. Em vez de concentrar essa responsabilidade em uma única pessoa, considere oferecer capacitações ou compartilhar recursos que facilitem o acesso da equipe à produção de vídeos. Ao incentivar diferentes integrantes da organização a registrar suas próprias perspectivas, é possível construir um arquivo vivo e diversificado da trajetória institucional.

Zines, materiais gráficos e arte

A narrativa visual por meio de zines, infográficos e ilustrações possui profundas raízes no ativismo feminista, democratizando o acesso ao conhecimento por meio de formatos não tradicionais. Historicamente, mulheres racializadas e mulheres da Maioria Global enfrentam barreiras para acessar canais formais de produção e circulação do conhecimento, como periódicos acadêmicos e a mídia tradicional, tornando a literatura, a arte, a poesia e outras formas de expressão criativa especialmente relevantes — e, muitas vezes, indispensáveis. Com ferramentas como Canva, Adobe e Inkscape, mesmo pessoas sem formação em design podem criar materiais visuais impactantes. A escolha cuidadosa de elementos como cores, tipografia e imagens pode desafiar os padrões estéticos predominantes de matriz ocidental. Os zines, em particular, possuem um caráter profundamente subversivo, pois têm a capacidade de conectar comunidades presenciais e digitais por meio de sua circulação tanto em formato impresso quanto digital.

Em destaque

Association for Progressive Communications (APC) e #FeministTechJoy

Desde 2023, a APC concede pequenos financiamentos a organizações por meio da iniciativa #FeministTechJoy. A APC considera a alegria feminista na tecnologia indispensável para a construção coletiva de sentido e para a preservação das contribuições históricas das comunidades feministas. Entre as organizações contempladas está a HOLAAfrica, uma plataforma digital pan-africanista que promove debates, preserva acervos e cria espaços para discutir sexo e sexualidade. Como parte da iniciativa, a organização produziu uma antologia em áudio com relatos de pessoas queer da África e da diáspora africana. Além disso, uma colaboração entre a Filipino Foundation for Media Alternatives e a organização malaia Canai and Char Kuey Teow desenvolveu um projeto nas interseções entre deficiência, gênero e sexualidade com o objetivo de "desafiar o estigma, reafirmar a autonomia e expressar a alegria".

Soberania cultural, indígena e linguística

Ler, escrever e organizar-se em sua própria língua é um ato de reconstrução da identidade, de retomada e de descolonização. A maioria das ferramentas, plataformas e recursos voltados à segurança digital continua acessível apenas para pessoas cuja língua principal é o inglês. Ainda assim, organizações feministas têm afirmado, há muito tempo, sua soberania linguística e cultural no ambiente digital, produzindo conteúdos em seus idiomas locais e recusando-se a "moderar" ou "suavizar" seu ativismo para atender às expectativas de públicos ocidentais. Por exemplo, o IndigiNews é uma redação canadense administrada por povos indígenas e pertencente à organização de mídia indígena sem fins lucrativos tâpwêwin[5] media, que busca descolonizar o jornalismo e ampliar a visibilidade de conteúdos produzidos por povos indígenas. No Quênia, a Masakhane—palavra que significa "construímos juntos" em isiZulu — trabalha para garantir que as línguas africanas, seus sistemas de conhecimento e suas comunidades estejam representados na inteligência artificial. No México, o Chiapas Media Project apoiou comunidades indígenas zapatistas na produção de seus próprios vídeos, incluindo o documentário sobre igualdade de gênero "Somos Iguais: Mulheres Zapatistas Falam". Ao longo de um processo de dois anos, a organização utilizou gravações brutas para promover discussões abertas que evoluíram para debates e, posteriormente, para processos de construção de consensos sobre questões de gênero — especialmente a violência doméstica — dentro da comunidade.

Em destaque



THE QUICK BROWN FOX
Feminist Open F

Estudo de caso da Open Font

Em 2023, o Numun Fund e Huruf facilitaram um processo participativo que reuniu 55 ativistas e designers de 11 países da Maioria Global. O processo incluiu debates sobre a política do design, o copyleft e as narrativas de ativistas para desenvolver coletivamente uma fonte tipográfica feminista de código aberto. O coletivo Huruf defende que a tipografia não é apenas uma questão de "técnica e ofício", mas também o estudo da "textura e da materialidade da voz escrita na interface entre linguagem, história e cultura". O coletivo destaca que muitas pessoas presumem que a tipografia se baseia exclusivamente no alfabeto latino, o que, em seu contexto, invisibiliza a diversidade linguística da Malásia. Em resposta, busca desafiar a centralidade da tipografia latina, priorizando o multilinguismo em seu trabalho.

[5] Segundo a IndigiNews, "tâpwêwin é um termo da língua cree que remete a dizer a verdade, à integridade ao relatar acontecimentos e à responsabilidade de ser uma testemunha confiável".

Hackeando o algoritmo

Tornar visíveis os atos cotidianos de resistência protagonizados por ativistas feministas é afirmar que as histórias das comunidades merecem ser vistas, amplificadas e reconhecidas como formas legítimas de produção de conhecimento. O conceito de **poder-saber (power/knowledge)**, cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault, descreve como a produção do conhecimento é um processo político: o poder circula por meio do conhecimento ao definir quais métodos são considerados aceitáveis (por exemplo, quando o setor de desenvolvimento determina o que é "rigoroso" ou "baseado em evidências") e esses mesmos métodos produzem conclusões e conhecimentos que reforçam as estruturas de poder existentes (por exemplo, ao priorizar formas ocidentais de validação de dados, criamos uma hierarquia do conhecimento).[6] As empresas de tecnologia desenvolvem algoritmos enviesados que suprimem conteúdos feministas, queer e de ativistas, especialmente aqueles produzidos por mulheres racializadas e pessoas com diversidade de gênero do Sul Global.[7] A supressão ocorre por meio de práticas como o shadowbanning, em que as plataformas restringem o alcance de determinados conteúdos, como publicações sobre aborto ou imagens de corpos femininos[8], em resposta, pessoas organizadoras têm empregado diversas estratégias para resistir à supressão e reafirmar o direito de serem ouvidas:

Ecossistemas estratégicos de hashtags

O uso estratégico de hashtags pode ajudar feministas a participar de conversas já existentes, alcançar novos públicos e utilizar hashtags coletivas que vão além de uma única campanha, institucionalizando a circulação e o arquivamento de notícias.

Espelhamento entre plataformas

Ao publicar o mesmo conteúdo em diferentes redes sociais, organizações feministas se protegem contra a supressão em plataformas específicas e alcançam públicos diversos.

Conteúdo direto para o público

A criação de newsletters, blogs, listas de SMS e feeds RSS é uma estratégia inerentemente resistente aos algoritmos, pois o conteúdo chega diretamente às pessoas inscritas, sem interferência das plataformas.



Recursos coordenados

A documentação coletiva de vieses algorítmicos pode contribuir para aumentar a pressão por mudanças, tanto sobre empresas de tecnologia quanto sobre órgãos reguladores estatais e regionais. Considere estabelecer uma estratégia de documentação para registrar quaisquer experiências de supressão, caso seja necessário apresentar recursos no futuro.

Grupos de engajamento comunitário

Inicialmente popularizados por influenciadores, esses grupos reúnem pessoas e organizações com interesses ou objetivos em comum, que se comprometem a ampliar mutuamente a visibilidade de seus conteúdos por meio de republicações, fortalecendo sua visibilidade coletiva.

[6] The Keywords Feminist Editorial Collective, The Keywords Feminist Editorial Collective. "Biopower." *In Keywords for Gender and Sexuality Studies*, vol. 13. New York University Press, 2021. https://doi.org/10.18574/nyu/9781479808168.003.0013.

[7] Golunova, Valentina. "A misogynistic glitch?: A feminist critique of algorithmic content moderation." *Law, Technology and Humans 7*, no. 2 (2025): 40-52.

[8] Ibid

Em destaque

#ChallengeAccepted e a campanha da Turquia pela visibilidade do feminicídio

Em julho de 2020, Pinar Gültekin foi assassinada por um ex-namorado, tornando-se a 50ª mulher turca assassinada naquele ano. O assassinato coincidiu com os planos do governo turco de se retirar da Convenção de Istambul. Durante aquele mesmo verão, uma campanha nas redes sociais chamada #ChallengeAccepted, na qual mulheres compartilhavam selfies em preto e branco, viralizou principalmente nos Estados Unidos, no Reino Unido e no Canadá. Feministas turcas se reapropriaram da campanha, inundando a hashtag já existente com conteúdos de incidência política sobre o feminicídio e a Convenção de Istambul. Após três dias, 12% dos tuítes em inglês faziam referência à Turquia, aumentando as menções a Gültekin e, por fim, promovendo um diálogo global e a cobertura da mídia internacional sobre a crise do feminicídio na Turquia e em outros países.[9] Embora a Turquia tenha se retirado da Convenção, essa campanha gerou diálogo global e cobertura da mídia internacional sobre uma questão que, de outra forma, poderia ter passado despercebida.

Ativistas feministas há muito buscam revelar aquilo — ou aqueles e aquelas — que as pessoas no poder consideram "político demais" ou "controverso". Diante de direitos constantemente atacados e ameaçados de retrocesso, mulheres e pessoas com diversidade de gênero continuam afirmando que sua própria existência é uma forma de resistência e que os algoritmos não podem ocultar a beleza da diversidade.

Dados, mapeamento e produção feminista de evidências

Feministas estão desenvolvendo formas alternativas de produzir dados e documentar danos que, com frequência, são ignorados pelas instituições tradicionais, indo além de mecanismos convencionais, como gráficos e tabelas. É importante destacar que a produção feminista de evidências atribui igual importância tanto ao produto final quanto ao processo, trabalhando em conjunto com as comunidades para elaborar as perguntas de pesquisa, compartilhar a gestão dos dados e decidir quem poderá utilizá-los e de que forma. A visualização feminista de dados é concebida para estimular a ação, ao evidenciar danos, conquistas e aprendizados. Por exemplo, jornalistas e ativistas feministas criaram o Feminicidio Uruguay para suprir a ausência de dados sobre feminicídios. A iniciativa combinou fotografias e biografias para preservar a memória de cada mulher vítima de feminicídio, honrando sua trajetória e sua vida para além de um simples dado estatístico. Em 2010, a iniciativa voluntária HarassMap reuniu, de forma colaborativa, relatos anônimos de casos de assédio e violência sexual em todo o Egito, utilizando o Google Maps. Cada registro informava o local, a data e o horário, a descrição do ocorrido e o tipo de assédio. O mapa reuniu testemunhos e dados que permitiram às pessoas ativistas adaptar seus programas e campanhas em tempo real.[10]

[9] Comeforo, Kristin, and Berna Görgülü. "Negotiating the challenge of# ChallengeAccepted: transnational digital flows, networked feminism, and the case of femicide in Turkey." Review of Communication 22, no. 3 (2022): 213-230.

[10] Fahmy, A., Abdekmonem, A., Hamdy, E. & Badr, A. 2014. Towards a Safer City – Sexual Harassment in Greater Cairo: Effectiveness of Crowdsourced Data. harassmap.org/storage/app/media/uploaded-files/Towards-A-Safer-City_executive-summary_EN.pdf, 5 June 2017.

Equilibrando alegria e segurança

Todos os dias, pessoas ativistas colocam em risco sua reputação, seus relacionamentos e até suas vidas, movidas pela convicção de que, nas palavras frequentemente atribuídas a Maya Angelou, "nenhuma de nós pode ser livre enquanto todas as pessoas não forem livres". O cuidado comunitário e a segurança digital são expressões do mesmo valor: a insistência em viver de forma plena e livre. Utilizar as ferramentas apresentadas nesta ficha técnica exige um forte compromisso político para florescer apesar das forças que se opõem a nós. Essas ferramentas são igualmente capazes de documentar aquilo que estamos construindo e aquilo contra o qual estamos lutando — nossa alegria, nossa criatividade e nossa comunidade são evidências que merecem ser documentadas e celebradas.

Caixa de ferramentas tecnológicas

Multimídia

Transcrição/ Legendas

Whisper
Wordly
Kapwing

Vídeos

CapCut
Canva Video

Podcasts

Streamyard
Buzzsprout
Funkwhale
Spotify for Creators

Design

Canva
Adobe Express
The Greats

Espaços online

Plataformas descentralizadas e de propriedade comunitária

Mastodon
Pixelfed
PeerTube
Discoursev
Loomio

Dados, mapeamento e evidências

Coleta de Dados

KoboToolbox
Open Data Kit
Airtable
Tella
eyeWitness to Atrocities
Uwazi
Secure Drop

Gestão de Dados

OpenRefine
MaxQDA

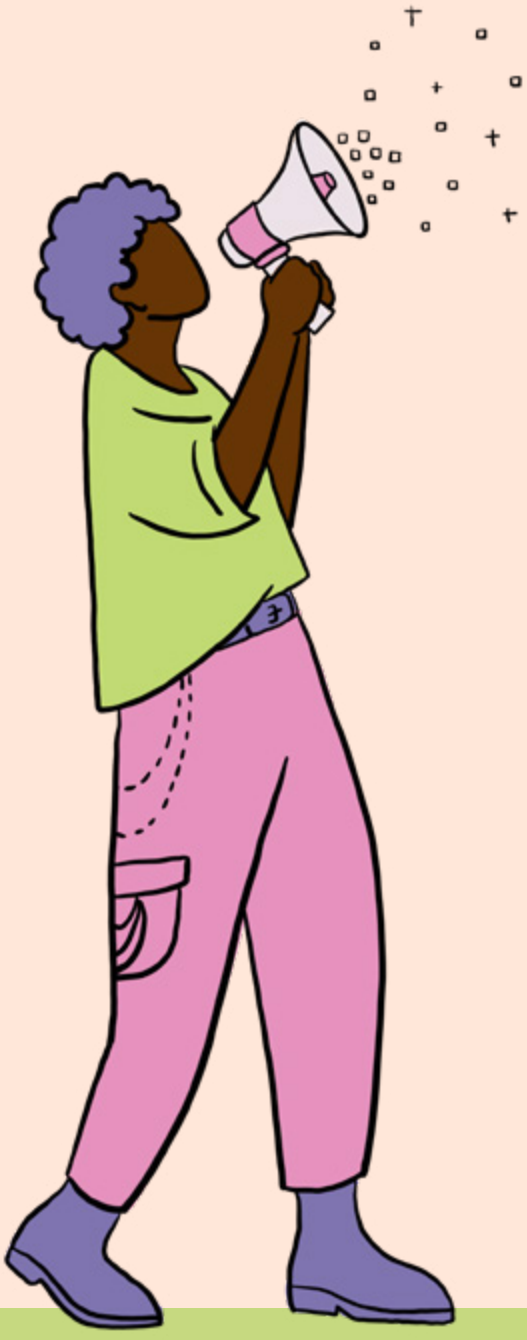
Mapeamento

Ushahidi
uMap
QGIS
Mapbox
StoryMapJS

Visualização de Dados

Flourish
Datawrapper
RAWGraphs
Tableau Public





Agradecimentos

Este material foi elaborado por Leah Goldmann e revisado por Jennifer Chinoye Amadi, Leah Goldmann, Joy Watson e integrantes da equipe de Eliminação da Violência contra as Mulheres (EVAW) da ONU Mulheres. O projeto gráfico foi desenvolvido por Mara Ayuningtyas e Léa Drougard, e as ilustrações são de Sarah Imran. Esta publicação foi produzida pela COFEM no âmbito do Programa ACT para Acabar com a Violência contra as Mulheres e Meninas, da ONU Mulheres, financiado pela União Europeia. Seu conteúdo é de exclusiva responsabilidade da COFEM e não reflete necessariamente as opiniões da União Europeia ou da ONU Mulheres.

Citação sugerida

Coalition of Feminists for Social Change. Ficha Técnica 3: Como Utilizar a Tecnologia para Promover o Descanso, a Resistência e a Alegria, Bytes of Resistance: Enfrentando a Violência Baseada em Gênero Facilitada pela Tecnologia (2026).

Ficha técnica 3:

Como utilizar a tecnologia para promover o descanso, a resistência e a alegria

COFEM